

CONTABILIDADE - Empresas de capital aberto, instituições financeiras e seguradoras brasileiras têm até o final de ano para a adaptação de seus demonstrativos financeiros às normas do IFRS, usadas em cerca de 100 países

Balanços globalizados

VINICIUS MEDEIROS

Empresas de capital aberto, instituições financeiras e seguradoras brasileiras têm até o final de ano para adaptarem seus demonstrativos financeiros consolidados às normas da International Financial Reporting Standards (IFRS), como prevê a instrução da Comissão de Valores Mobiliário (CVM) nº457, de 13 de julho de 2007.

Parte das mudanças promovidas nas práticas contábeis, como demonstração de fluxo de caixa, arrendamento mercantil financeiro, reconhecimento de ativos intangíveis e ajuste de valor presente de contas a receber e a pagar, entre outros, já estão previstas na Lei nº11.638, em vigor desde dezembro de 2007.

Regulada pela International Accounting Standards Board (Iasb), a IFRS é amplamente utilizada internacionalmente. A norma reduz significativamente a possibilidade de que uma regra distorça a realidade de uma transação, o que explica sua disseminação, afirmam especialistas. Além disso, por conta do processo de globalização e dos altos custos envolvidos na produção dos demonstrativos financeiros, tornou-se um consenso a necessidade de padronização dos mesmos.

Muito antiga – datava de 1976 – a regra contábil brasileira anterior (Lei nº6404) era considerada defasada, além de inadequada à nova realidade econômica mundial. O primeiro passo para a mudança aconteceu com a promulgação da Lei nº11.638, que impôs procedimentos convergentes com as práticas da IFRS. Entre as alterações mais importantes estão a avaliação a valor de mercado de determinados instrumentos financeiros (aplicações, empréstimos e instrumentos de proteção) e ativos intangíveis; análise de recuperabilidade de ativos a longo prazo, o chamado impairment; e a



DELOITTE/DIVULGAÇÃO

John Auton, da Deloitte: Brasil está tropicalizando as normas

avaliação a partir de valor de mercado de combinação de negócios empresariais (fusões e compras), entre outros.

BENEFÍCIOS. Auditores e especialistas em contabilidade consideram a convergência das normas contábeis extremamente benéfica para empresas brasileiras. “A regra contábil anterior não acompanhou os processos de abertura política brasileira e a globalização.

Hoje, muitas empresas brasileiras atuam no exterior ou têm ações cotadas em bolsas internacionais, vendo-se obrigadas a editar balanços diferentes em cada país que atuam, além de, é claro, no Brasil. A convergência às normas contábeis internacionais

vai facilitar a vida de todos”, diz Ronaldo Froés, coordenador do curso de Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap).

Segundo Ana María Elorrieta, presidente Nacional do Instituto dos Auditores Independentes do Brasil (Ibracon), a adequação à IFRS também é encarada como um passo importante para a consolidação das companhias brasileiras no cenário internacional. “As normas da IFRS são uma linguagem mais conhecida para muitos investidores estrangeiros. A adoção facilitará as comparações com demonstrativos financeiros consolidados de outras multinacionais. Com isso, as companhias brasileiras pode-

NOVAS REGRAS

Impairment originou prejuízo da Cesp

LUCAS VETTORAZZO

Um caso de companhia que já viu suas demonstrações financeiras afetadas pelo chamado impairment, uma das normas constantes da IFRS, foi a Cesp (Companhia Energética de São Paulo), empresa estadual paulista de geração de energia elétrica.

As novas regras contábeis obrigam as empresas a reavaliarem periodicamente seus ativos, como usinas, fábricas e outras instalações.

Quando a reavaliação aponta para um preço menor do que o valor inicial do ativo, a companhia tem de fazer uma provisão para a redução de valor recuperável do imobilizado, que é o “impairment”, termo que poderia ser traduzido por desgaste.

Por conta disso, segundo informou a companhia à época da divulgação de seu balanço, a Cesp teve prejuízo de R\$ 2,43 bilhões em 2008.

O ativo da empresa que teve de ser reavaliado foi a usina hidrelétrica de Porto Primavera, na divisa dos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

A usina tinha valor contábil de R\$ 13,38 bilhões e que, após a reavaliação, foi contabilizado com valor R\$ 2,47 bilhões inferior ao original. Mesmo com o prejuízo, a companhia informou que não pretende vender o ativo.

O mercado demonstrou que soube ler o balanço da companhia desenhado sob as novas regras e as ações da empresa não sofreram nenhum baque significativo por conta do prejuízo declarado.

procedimentos aprovados e outros em audiência pública. Ao meu ver, as alterações são para refinar e tropicalizar as normas internacionais”, avalia Auton.

ADAPTAÇÕES. Embora a instrução nº457 da CVM tenha sido sancionada há dois anos, houve poucos exemplos de adequação aos procedimentos da IFRS no mercado brasileiro. Até aqui, o mais comum tem sido o uso do ato de reconciliação, que mistura práticas da BRGAAP (normas contábeis brasileiras) e IFRS.

“A Gerdau é um dos poucos exemplos de quem aderiu à norma internacional desde a divulgação da instrução da CVM. Somente as empresas do novo mercado (com abertura de capital nos últimos dois anos) já são requeridas a apresentar balanço totalmente adequado à IFRS. No entanto, é bom as companhias se prepararem, pois 2010 já está aí”, diz Alessandra Sanches, professora da Trevisan Escola de Negócios.

Segundo Alessandra, a adequação à IFRS deverá representar um inevitável aumento de custos para as empresas. “Qualquer mudança de regra representa custo durante o período de transição. Haverá gastos com novos sistemas operacionais, consultores e auditores, bem como com treinamento de profissionais da área de Relacionamento com Investidores (RI).

No entanto, a maior parte dos recursos deve ser alocada internamente. Não basta treinar e investir em novos equipamentos. É preciso mudar processos, políticas e sistemas dentro da empresa”, acredita.

Para a professora, no entanto, os investimentos se diluirão com o passar dos anos. “Embora a adequação resulte num aumento de custos inicial, os ganhos posteriores serão enormes. Os gastos com a produção de balanços, hoje estimados em cerca de 3% da receita, serão reduzidos a partir das novas regras”, afirma.

rão ganhar competitividade, bem como acesso mais fácil a investimentos estrangeiros, resultando em redução do custo do capital”, diz.

John Auton, sócio-diretor da consultoria e auditoria Deloitte, lembra que cerca de 100 países adotaram ou permitem a adoção do IFRS atualmente. “A União Europeia a adotou em 2005, mas há países, como a Rússia, que ainda não aderiram. Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e parte do Oriente Médio também já utilizam a IFRS. Duas das principais nações emergentes, China e Índia, devem aderir até 2011. Na América Latina, o Brasil está à frente desse processo, embora o Uruguai já a use. Também há

um movimento de adequação nos Estados Unidos, que já aceita sua adoção para empresas estrangeiras com ações na Bolsa, provavelmente a partir de 2014”, diz.

Apesar da convergência ser vista como uma necessidade, tudo leva a crer que haverá necessárias adaptações ao mercado brasileiro. O Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), que regulamenta as normas contábeis, já divulgou 14 pronunciamentos para modificar procedimentos utilizados pela IFRS.

“O cronograma do CPC prevê outros 21 pronunciamentos este ano. Até aqui, a essência fundamental está mantida. Tudo está totalmente de acordo com o que é usado internacionalmente. Há

HEAD HUNTER

Vinicius Medeiros

headhunter@jcom.com.br

A IRON MOUNTAIN, especializada em tecnologia para a custódia, administração e gerenciamento de documentos, anunciou Luis Carlos Cornetta como novo presidente da unidade brasileira. Com mais de 28 anos de carreira, o executivo assume o cargo com a missão de comandar a expansão da empresa no setor de Tecnologia da Informação (TI).

Formado em Engenharia Mecânica pela Escola de Engenharia Industrial (EEI), de São José dos Campos (SP), com especializações na Kellogg School of Management, dos Estados Unidos, e na Insead, da França, Cornetta teve passagens de destaque por várias multinacionais instaladas no País, como a Motorola, da qual chegou à presidência, e Kodak.



IRON MOUNTAIN/DIVULGAÇÃO

WILSON ROBSON MIGUEL foi anunciado pela GE Healthcare IT, unidade da General Electric Company, como novo executivo de vendas para o Brasil e América Latina. Graduado em Administração, com MBA em Marketing pela Escola Superior de Propaganda & Marketing (ESPM-SP), o executivo será responsável pelas vendas da companhia no Brasil e Cone Sul, dando suporte à organização e aos canais de distribuição na região. Com larga experiência no setor hospitalar, em que atuou pelo Hospital Albert Einstein, Hospital do Coração e Medial Saúde, Miguel ocupava a gerência de vendas de TI da Agfa Brasil, multinacional especializada em processamento e reprodução de imagens.

Stelleo Tolda é promovido a Chief Operating Officer do MercadoLivre

O MercadoLivre.com confirmou Stelleo Tolda como novo Chief Operating Officer (COO) para a América Latina. Há nove anos na empresa, Tolda comandava anteriormente as operações da companhia no Brasil, sendo o responsável pelas áreas comercial e de marketing, financeiro e administrativo, atendimento a clientes e pagamentos.

O executivo passa a acumular as funções de diretor-presidente para o Brasil e o comando das áreas regionais de Vendas e Marketing Corporativo, Customer Service e Quality Control, além das demais 11 operações do grupo na região: Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Formado em Engenharia Mecânica pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, com MBA pela Graduate School of Business, da mesma instituição de ensino, Tolda teve passagens pelos bancos Icatu e Pactual, além do Lehman Brothers, nos Estados Unidos.

A MOTOROLA anunciou Fernanda Prata como nova gerente de Vendas para a área de Módulos Sem Fio (M2M) para a América Latina. Com seis anos de experiência no segmento de M2M, Fernanda vem da Informat Technology, parceira da Motorola para o mercado de soluções sem fio, em que ocupava o cargo de executiva de Vendas de Componentes Eletrônicos. Formada em Engenharia Eletrônica, com ênfase em Telecomunicações, pela Escola de Engenharia Mauá e é pós-graduada em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a executiva chega à Motorola com o objetivo de impulsionar a atuação da companhia nas áreas de telemetria e rastreamento de veículos.

PRISCILLA MAGNI foi promovida para a superintendência de Personal Lines da Chubb Seguros. Há sete anos na seguradora, a executiva anteriormente ocupava o cargo de gerente da Área de Automóveis. Com mais de 15 anos de experiência no mercado segurador, Priscilla é formada em Matemática pela Universidade de São Paulo (USP) e possui MBA Executivo em Administração pelo Ibmec Business, com extensão na Universidade de Illinois.

A WÄRTSILÄ, fornecedora de equipamentos navais para construtores, armadores e operadores de embarcações e instalações offshore, confirmou Luiz Maggioni como novo gerente de Desenvolvimento de Negócios para a área de Energia. Antes de se transferir para a Wärsilä, Maggioni ocupava a gerência de Vendas da Flowserve no Brasil, produtora de canos, tubulações, válvulas e componentes para o setor de energia. Com mais de 20 anos de experiência no mercado, o executivo é formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com pós-graduação em Marketing pela Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IAG/PUC-Rio).

NO EXTERIOR

A Procter & Gamble anunciou que Hartwig Langer, presidente de Produtos de Prestígio Global, se aposentará a partir de 1 de janeiro de 2010, após quase 30 anos na empresa. Langer, que será substituído por Patrice Louvet, atual vice-presidente de Estratégia e Crescimento de Produtos de Prestígio Global, se afastará do cargo no dia 1º de julho, mas continuará em uma função especial até a data de sua aposentadoria para garantir uma transição sem problemas. O setor de Produtos de Prestígio Global reúne fragrâncias de marcas como Hugo Boss, Lacoste, Dolce & Gabbana e Gucci.